

A HERANÇA TRADICIONALISTA DA ULTRADIREITA: UMA AMEAÇA À SEGURANÇA ONTOLÓGICA OCIDENTAL

THE TRADITIONALIST LEGACY OF THE FAR-RIGHT: A THREAT TO WESTERN
ONTOLOGICAL SECURITY

Rebeca Souza Rabêlo*
Universidade Estadual da Paraíba

André Mendes Pini*
Universidade Católica de Brasília

Resumo: Como o Tradicionalismo sustenta a construção pela Ultradireita de uma percepção de ameaça à segurança ontológica dos valores ocidentais? A partir da metodologia histórica comparada, busca-se identificar as influências comuns que o Tradicionalismo de autores como René Guénon e Julius Evola oferece à Ultradireita ocidental. Os marcos teóricos do trabalho exploram o conceito de “segurança ontológica” de modo a identificar narrativas e discursos comuns que enfatizam a construção da Ultradireita como uma resposta necessária às ameaças representadas pela Modernidade frente à Tradição Ocidental. Os resultados do artigo apontam que o Tradicionalismo oferece o alicerce retórico que sustenta as bases reacionárias da Ultradireita ocidental a partir da construção de narrativas de (in)segurança ontológica.

Palavras-chave: Ultradireita; Extrema-Direita; Tradicionalismo; Populismo; Segurança Ontológica.

Abstract: How does Traditionalism support the Far-Right’s construction of a perceived threat to the ontological security of western values? This study employs a comparative historical methodology to identify common influences that Traditionalism, as articulated by thinkers like René Guénon and Julius Evola, exerts on the Western far-right. The theoretical framework explores the concept of "ontological security" to uncover shared narratives and discourses positioning the far-right as a necessary response to perceived threats posed by Modernity to Western Tradition. The findings suggest that Traditionalism provides a rhetorical foundation that upholds the far-right's reactionary bases in the West through the construction of ontological (in)security narratives.

Key words: Far-Right; Extreme Right; Traditionalism; Populism; Ontological Security.

*Cientista de Dados Júnior no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), atuando no projeto Cooperação Brasileira para o Desenvolvimento Internacional (COBRADI). Mestre em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0644-9792>. E-mail: rabelo.rbcar@gmail.com

*Doutor em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (UnB). Professor da American Global Tech University (AGTU) e da Universidade Católica de Brasília (UCB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4038-9607>. E-mail: andrempini@gmail.com

Introdução

A segunda metade da década de 2010 vislumbrou uma flagrante inflexão na política internacional no Ocidente. Estados que, historicamente, lutaram contra o fascismo, passaram a ter sua política tradicional influenciada por ideologias e movimentos radicais que flertam abertamente com essas perspectivas de uma ordem social hierarquizada, de modo geral, em termos raciais e identitários. Em 2016, o Reino Unido votou pela sua retirada da União Europeia, enquanto do outro lado do Atlântico Donald Trump era eleito Presidente dos EUA. Era o início de um novo processo de ascensão da Ultradireita em âmbito global, que reverberou no fortalecimento de diversos atores desse campo político, impactando, inclusive, no Brasil, com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018.

Mudde (2021) argumenta que esse processo se refere a uma “quarta onda” de ascensão da Ultradireita, que pode ser definida como “movimentos – violentos ou não violentos - cujas pautas elencam ao menos três dos seguintes temas: nacionalismo, racismo, xenofobia, antidemocracia e autoritarismo” (Mudde, 2000, p. 4). A principal característica dessa “quarta onda” seria justamente a ascensão para o “*mainstream*” de forças ideológicas radicais que, no Ocidente, até então, eram marginalizadas no jogo político tradicional. Apesar de o fortalecimento global da Ultradireita possuir singularidades em cada caso, existe uma herança ideológica comum nesses movimentos que exploram ressentimentos e percepções de ameaça de parcelas da população para consolidar suas agendas radicais no Ocidente.

Esse alicerce comum à Ultradireita Ocidental é oferecido pelo chamado Tradicionalismo, uma corrente ideológica heterogênea liderada por autores como René Guenon e Julius Evola que defende que o Ocidente está em declínio devido às influências iluministas – como o secularismo, o cosmopolitismo e o progressismo de maneira geral - que, supostamente, teriam afastado o Ocidente de sua essência “tradicional”. O presente artigo, portanto, debruça-se sob essa herança comum da Ultradireita, remetendo ao movimento Tradicionalista, demonstrando como essa ideologia explora sentimentos de ameaça à segurança ontológica ocidental.

Os recortes temporal e espacial do artigo são determinados pela chamada “quarta onda” de ascensão da Ultradireita no Ocidente, que é definida por Mudde (2021) como um fenômeno do século XXI e que se consolidou a partir de 2016, com foco particular na

experiência Ocidental. O Ocidente é tomado como referência espacial para se evitar a falácia de generalização da experiência Ocidental como sinônimo de “global”, tendo em vista que o Tradicionalismo evoca justamente uma retórica de declínio do Ocidente para vislumbrar seus argumentos teóricos.

A pergunta de pesquisa que orienta o artigo é “Como o Tradicionalismo sustenta a construção pela Ultradireita de uma percepção de ameaça à segurança ontológica dos valores ocidentais?”. A partir da metodologia histórica comparada, busca-se identificar as influências comuns que o Tradicionalismo oferece à Ultradireita ocidental a partir do conceito teórico de “segurança ontológica”, por meio da identificação de narrativas e discursos comuns. Os resultados do artigo apontam que o Tradicionalismo oferece o alicerce retórico que sustenta as bases reacionárias da Ultradireita ocidental a partir da construção de narrativas de (in)segurança ontológica.

O artigo está dividido em 3 seções. Inicialmente, apresentamos o marco teórico vinculado à segurança ontológica, demonstrando como ele é fundamentado a partir de narrativas e pertinente às dinâmicas políticas do século XXI. A seguir, definimos o que entendemos como Ultradireita e demonstramos como as questões de segurança ontológica se relacionam com esse movimento a partir de suas lideranças e ideologias que compartilham discursos e narrativas. Por fim, exploramos o Tradicionalismo como um dos alicerces da Ultradireita e demonstramos as similitudes e influências comuns que o Tradicionalismo oferece à Ultradireita a partir da exploração de narrativas de (in)segurança ontológica.

O Marco Teórico da Segurança Ontológica

Uma vez que o conceito de “ontologia” pode ser compreendido como o estudo do ser e da existência, falar em “segurança ontológica” envolve explorar a sensação de certeza ou confiança de que existe uma base sólida para a realidade e o seu entendimento. Isso pode se relacionar com a confiança na consistência do mundo físico, nas leis naturais, nas relações interpessoais, ou mesmo na estabilidade de identidades e experiências. Em suma, trata-se da sensação de que o mundo é de alguma forma confiável e estável, fornecendo uma base segura para existência e compreensão do ser humano (Rabêlo, 2024).

O conceito de segurança ontológica foi fundamentado a partir do trabalho de Robert D. Laing (1960), na psicologia, que argumenta que para que o indivíduo tenha sua saúde mental preservada é necessário que também tenha um senso de presença e garantia de vida contínua no mundo. Assim, a percepção de um indivíduo estar ontologicamente seguro o capacita a lidar com os desafios sociais, éticos, espirituais ou biológicos da vida, mantendo uma firme compreensão da sua própria realidade e identidade (Homolar, Scholz, 2019; Laing, 1960).

Anthony Giddens (1991), sob influência de Laing (1960), aplica o conceito de “segurança ontológica” nas ciências sociais. De acordo com Giddens (1991, p. 48, tradução dos autores)¹: “A luta do ser contra o não-ser” é a tarefa perpétua do indivíduo, não apenas para “aceitar” a realidade, mas para criar pontos de referência ontológicos como um aspecto integral do “seguir em frente nos contextos da vida cotidiana”. A ideia central é de que essa segurança deve ser mantida principalmente por meio da rotina e de narrativas sociais que permitam que o indivíduo tenha familiaridade e previsibilidade da vida cotidiana. Entretanto, Giddens (1991) argumenta que, mesmo na modernidade, em que muitos aspectos da vida são mais controlados e previsíveis em comparação às culturas pré-modernas, a segurança ontológica ainda pode ser frágil, pois determinados indivíduos podem sentir algum grau de vulnerabilidade em relação à sua própria existência.

Steele (2008), Kinnvall (2004; 2018), Mitzen (2006), Steele e Homolar (2019) apontam que o conceito de segurança ontológica remete a um senso fundamental de estabilidade e continuidade na existência de um indivíduo. A segurança ontológica é, portanto, a sensação de segurança sobre a ordem e a previsibilidade do mundo ao nosso redor. Essa segurança não está apenas ligada à segurança física, mas também à segurança existencial e à compreensão do significado da própria identidade. Zehfuss (2002), por exemplo, aponta que as ameaças à segurança ontológica, muitas vezes, são construídas socialmente, em vez de serem objetivamente determinadas, sendo assim fruto de uma percepção particular de um ator. No cenário contemporâneo, essas vulnerabilidades podem surgir de várias maneiras, com mudanças inesperadas na política, crises

¹ Do original: “*The ‘struggle of being against non-being’ is the perpetual task of the individual, not just to ‘accept’ reality, but to create ontological reference points as an integral aspect of ‘going on’ in the contexts of day-to-day life* (Giddens, 1991, p. 48).

econômicas, ou devido à percepção de ameaças à estabilidade geral de um ator ou de um recorte particular da sociedade (Rabêlo, 2024).

Desta maneira, é possível argumentar que a segurança ontológica está relacionada à necessidade de garantir não apenas a segurança física, mas também a identidade, valores e existência de um indivíduo inserido em um grupo social, seja ele o Estado, ou uma comunidade religiosa, racial, identitária etc. O cerne das literaturas sobre segurança ontológica aponta perspectivas sobre a segurança do ser (Steele, 2008), a segurança de como ser (Kinnvall, 2004), e a segurança da identidade de quem se é (Mitzen, 2006). Deste modo, a segurança ontológica não deve ser atribuída segurança do corpo, mas sim da identidade, do eu: “[...] o senso subjetivo de quem se é, é o que permite que a pessoa se sinta segura de si mesma, o que permite e motiva a ação e a escolha.” (Mitzen, 2006, p. 344).

O papel das Narrativas e Discursos na Segurança Ontológica

Um ponto em comum abordado nos trabalhos sobre segurança ontológica é o papel da narrativa e da emoção, que desempenham um papel crucial na construção de sentido e estabilidade ontológica (Homolar, 2022). Narrativas coerentes fornecem uma sensação de segurança, enquanto aquelas que desafiam a ordem estabelecida podem desencadear inseguranças (Steele, Homolar, 2019). Kinnvall e Mitzen (2020) destacam a ênfase em narrativas que simplificam emoções para criar uma crença em identidades seguras (segurança como um Estado estável), com atenção especial a narrativas religiosas e nacionalistas em particular.

Neste contexto, é preciso destacar que narrativa faz referência a uma história ou relato estruturado de eventos, enquanto discurso engloba a expressão articulada de pensamentos e ideias. Enquanto a narrativa foca na sequência de eventos, o discurso concentra-se na apresentação e comunicação de informações e argumentos (Stanley, Jackson, 2016; Miller, 2020). Em resumo, a narrativa é uma forma de contar histórias, enquanto o discurso é a expressão verbal ou escrita de pensamentos e conceitos.

Dessa forma, é importante destacar como as emoções e narrativas são trabalhadas no discurso. As emoções se inserem nos discursos, e funcionam de maneira performativa, sendo governadas e memorizadas, ao se tornarem investimentos inconscientes em construções culturais preexistentes, como a ideia de nação, por exemplo (Solomon, 2015;

Koschut *et al.*, 2017). Kinnvall e Mitzen (2020) argumentam que, na busca por manter um *status quo*, o discurso pode apresentar elementos como o medo e a ansiedade. E ambos são aversivos e desconfortáveis ao indivíduo, devido ao fato de que a ansiedade é uma sensação difusa, desagradável e vaga de apreensão que existe antes e relativamente independente de qualquer objeto de ameaça real torna mais difícil manipulá-la (Rabêlo, 2024).

Miskimmon, O'Loughlin e Roselle (2014) desenvolvem argumentos para se pensar em como o discurso tem lugar dentro da segurança ontológica. Segundo os autores, uma história começa com uma situação inicial ou uma ordem estabelecida, porém, logo surge um problema que perturba essa ordem. Assim, a resolução subsequente visa restabelecer a ordem, dando à narrativa uma estrutura distintiva que proporciona significado, dessa forma, há uma intersecção entre narrativa e fantasia, especialmente quando se trata da apresentação de um problema (obstáculo) e da promessa de restabelecer a ordem (alcançar a integridade).

Browning e Joenniemi (2016) ressaltam uma problemática relevante nos estudos sobre segurança, que consiste em tentar reduzir a ideia de segurança ontológica somente à preservação da identidade. Em outras palavras, nos processos de securitização projetados para consolidar e “fechar” uma identidade, a estabilidade resultante do “congelamento” das identidades é percebida como o aumento da segurança ontológica. O que pode ser compreendido, a partir dos estudos de Croft (2012), revelam que o motivo dos processos de securitização clamarem por segurança ontológica e propagarem práticas de insegurança, especialmente por meio de estratégias de discursos antiterroristas ou campanhas políticas, enfatizam a natureza das ameaças. E isso caracteriza a expansão de sistemas de vigilância e responsabilidade em toda a sociedade, visto que destrói a confiança social e intensifica o sentimento de apreensão em toda a população.

Segundo Kaplan (1986) e McBeth *et al.*, (2007) somente a narrativa pode explicar qual será o curso da ação de desejável e o motivo, ou seja, a narrativa se manifesta de forma visível em crenças políticas. As narrativas não apenas auxiliam na interpretação do mundo pelas pessoas, mas também exercem uma influência significativa em sua atuação em determinados cenários políticos (Miller, 2020).

A insegurança ontológica e as dinâmicas políticas do século XXI

Ao enfatizar a (in)segurança como um componente inerente das relações de poder que converge para a necessidade de uma identidade estável e reconfortante, percebe-se que esse processo é intensificado em circunstâncias incertas provocadas por forças estruturais, como a globalização. Para Kinnvall e Mitzen (2020), a globalização introduz dinâmicas complexas que impactam a segurança ontológica, visto que a interconexão crescente entre Estados e culturas pode gerar um sentimento de perda de controle sobre o próprio *self* e sua identidade, o que acaba por contribuir para o surgimento de inseguranças.

De acordo com Brown (2018), a globalização permite o estabelecimento de um clima de medo e insegurança, que permite que nas sociedades ocidentais contemporâneas floresçam sentimentos como desejos e preconceitos oriundos da desrealização e da redefinição dos direitos históricos associados, principalmente, à raça e gênero. A literatura sobre segurança ontológica explora ainda a ideia de que mudanças demográficas, movimentos migratórios e influências culturais externas são potenciais catalisadores de inseguranças ontológicas, na medida em que desafiam a perpetuação estável da identidade nacional e do *self* (Rabêlo, 2024).

Mudanças nas relações de poder, hierarquias e normas globais também desempenham um papel significativo nesse cenário. Eventos como ataques terroristas e extremismos ideológicos contribuem para desafiar diretamente a ideia de segurança ontológica, especialmente quando os alvos incluem aspectos fundamentais da identidade de uma nação ou comunidade. Isso ocorre em razão da resposta a tais desafios ter, de acordo com Solomon (2011), como base manipulação de narrativas emotivas e disseminação de informações falsas, que acabam por minar a confiança na estabilidade ontológica, gerando incertezas e tensões.

Segundo Homolar (2022), a narrativa persuasiva é responsável por desenvolver repertórios que trazem aspectos securitários que dividem o mundo. As reações à insegurança ontológica decorrente da globalização, fundamentadas no nacionalismo e na religião, apresentam uma resistência enraizada na securitização da subjetividade. Dessa forma, as "narrativas estratégicas" são ferramentas empregadas por agentes políticos para influenciar e moldar a política global, exercendo impacto significativo na percepção pública e nas relações entre Estados (Homolar, 2022; Solomon, 2015; Widmaier, 2014).

Além disso, a análise do papel dessas narrativas na construção de identidade destaca a importância do discurso na formação da autoimagem nacional e na definição das relações com outros estados (Campbell, 1992; Hønneland, 2010; Berenskoetter, 2014). Como as histórias que um país conta sobre si e os outros podem moldar as percepções e as atitudes, a compreensão desses processos narrativos é essencial para entender os mecanismos subjacentes às dinâmicas da segurança ontológica.

A Segurança Ontológica e a Ultradireita

A partir das definições teóricas sobre a Segurança Ontológica, é possível identificar uma conexão entre esses marcos teóricos e o contexto de ascensão da Ultradireita, sobretudo em sua dimensão populista radical. A Ultradireita pode ser definida como “movimentos – violentos ou não violentos - cujas pautas elencam ao menos três dos seguintes temas: nacionalismo, racismo, xenofobia, antidemocracia e autoritarismo” (Mudde, 2000, p. 4). Em sentido amplo, a Ultradireita compartilha elementos como o nacionalismo, o repúdio ao pluralismo sociocultural e um sentimento contrário às imigrações e às elites do *establishment* político (Minkenberg, 2000; Greven, 2016). A principal característica da Ultradireita é defender uma relação social hierárquica entre grupos de uma sociedade, dividindo *insiders* dos *outsiders* a partir de lógicas étnicas ou raciais. Essa dinâmica impulsiona a identificação de “inimigos” dentro de uma sociedade, que supostamente seriam ameaças à sobrevivência da nação ou à sua integridade cultural (Jüpskas; Leidig, 2020).

No âmbito da Ultradireita situa-se um tipo de populismo radical, que Mudde (2017) define como sendo composto, sobretudo, por elementos nativistas e autoritários. Mudde (2004) define populismo como uma ideologia que considera a sociedade dividida em dois grupos homogêneos e antagônicos - as “pessoas puras” e “a elite corrupta” – sendo que o populista clama para si a expressão da vontade geral do povo². O nativismo é um fator fundamental a esse populismo de direita radical e ajuda a compreender a conexão da Ultradireita com as questões de segurança ontológica. O nativismo combina

² Ressalta-se que conceito de populismo em si é amplamente discutido no meio acadêmico, sendo que, no presente trabalho, optou-se pela definição de populismo de Mudde (2004), que converge com a abordagem de Laclau (1977 apud Mudde, 2004) e Canovan (1999), sendo considerado o paradigma teórico dominante atualmente quando se aborda a conexão do populismo com a Ultradireita (Moffitt; Tormey, 2014 apud Aslanidis, 2015).

nacionalismo, racismo e xenofobia para defender que um Estado deveria ser composto exclusivamente pelos membros de um grupo nativo específico – a suposta “nação”, definidas em termos étnicos, raciais, religiosos, ou por uma combinação entre esses elementos (Mudde, 2017). Assim, os não-nativos – podendo ser interpretados tanto como inimigos internos quanto externos - seriam uma ameaça a esse Estado-nação homogêneo e, portanto, à segurança ontológica dos cidadãos “legítimos”.

O elemento autoritário vinculado ao populismo de direita radical preza por uma ordem social rígida, tradição, disciplina, lei e ordem, gerando um punitivismo severo a crimes – principalmente quando cometidos por indivíduos considerados não-nativos de um Estado (Mudde, 2017). Ressalta-se, ainda, que existe uma especificidade no populismo associado à Ultradireita, devido ao fato de que, enquanto a legitimidade maniqueísta populista ocorre entre o “povo” (bom) e a “elite” (mau) – ambas podendo fazer parte do grupo “nativo” – no nativismo a distinção é entre os “nativos” (bom) e os “estrangeiros” (mau) (Mudde, 2017). Assim, o recorte populista da Ultradireita estabelece dois filtros distintos para atribuir “legitimidade” à representação política: estrangeiros são excluídos devido ao nativismo, e, mesmo dentro da população nativa, há outro recorte que exclui as supostas “elites”.

Bonikowski e Gidron (2016) apontam que as elites específicas visadas pelas reivindicações populistas são invariavelmente retratadas como tendo traído a confiança pública, pois supostamente serviriam a interesses especiais para ampliar seu próprio poder político e econômico, tornando-se desconectadas e alheias aos problemas cotidianos do “povo legítimo”. Sendo assim, as elites são retratadas como atores nativos não-legítimos, uma vez que foram cooptadas por grupos externos posicionados fora dos limites simbólicos do “povo”.

Vergara (2019) sugere que o consenso acadêmico contemporâneo gira em torno da ideia de que o populismo tem origem em uma crise de representatividade por parte de líderes eleitos democraticamente perante uma parcela da população, assim como a inabilidade, ou falta de vontade, dessa classe política em atender as demandas desse grupo social. Soares (2022) aponta que, de fato, líderes populistas usam narrativas de insegurança como ferramenta para validar suas reivindicações ao poder. Dessa forma, a percepção de falhas no sistema democrático não apenas valida as narrativas populistas

sobre a ineficácia das elites, mas também criam um ambiente propício para a aceitação de propostas de mudanças substanciais na arena política.

A retórica populista clama pelo alívio e redenção de um povo que sofre com frustrações e medo (Kinnvall, Mitzen, 2020). Uma narrativa baseada na insegurança ontológica pode ser contraposta e resgatada por meio de visões de um futuro comum. Assim, existe a necessidade de compreender os discursos e narrativas envolvidos em contextos políticos populistas e a percepção emocional destes (Kinnvall, Mitzen, 2020). Ao adotar uma perspectiva de segurança ontológica sobre o populismo, as emoções e a segurança, é preciso estar atento às razões estruturais e afetivas pelas quais indivíduos e grupos experimentam a insegurança ontológica, bem como as respostas emocionais a esses sentimentos (Rabêlo, 2024).

Acreditar em que há uma insegurança ontológica demanda um “salto de fé”, ou seja, é preciso crer que o futuro ideal apresentado pelo líder populista seja capaz de aliviar o medo e frustrações do indivíduo de sua situação presente (Arfi, 2020; Kinnvall, Mitzen, 2020). Dessa forma, líderes populistas, ao capitalizarem a insegurança percebida, muitas vezes, propõem medidas assertivas como resposta a desafios complexos (Wojczewski, 2020). No entanto, essa abordagem nem sempre é traduzida em soluções eficazes. A tendência de simplificar narrativas complexas de segurança tendem a criar lacunas na compreensão das verdadeiras origens dos problemas, assim, a “urgência por certeza” pode facilitar a ideia de uma falsa segurança ontológica entre o “bem” e o “mal”, a nação e o “outro”, por exemplo (Soares, 2022).

Homolar e Scholz (2019) exploram o argumento que, mediante cenários de crise, há um impulso de restaurar a segurança ontológica, o que cria dinâmicas eleitorais suscetíveis a uma reelaboração retrospectiva que envolve promessas de se restaurar um passado idealizado como estável, previsível e reconfortante. O populismo de direita radical explora justamente a idealização de um passado nostálgico no qual os líderes abordam o medo e os mitos sobre a nação, o povo, as instituições, e justificam nos estrangeiros e imigrantes os males imaginários da sociedade ocidental (Kinnvall, 2018; Wojczewski, 2020).

A retórica populista é caracterizada por narrativas de crise e ameaças existenciais, na busca de preencher o vazio deixado pela perda de instabilidade ontológica (Rabêlo, 2024). Ao identificar grupos externos como responsáveis por desafiar a identidade

nacional ou cultural, líderes populistas oferecem uma promessa de retorno a um passado percebido como mais seguro e coeso (Steele, Homolar, 2019). Esse tipo de narrativa ressoa particularmente em indivíduos que se sentem marginalizados ou preocupados com as rápidas mudanças sociais em seu país (Pini, 2021). Ao abordar questões como imigração, globalização ou transformações culturais, os líderes populistas da Ultradireita apresentam-se como defensores da identidade e valores do *self* que estão sob ameaça (Rabêlo, 2024).

Conforme a perspectiva de Kinnvall (2018), essa estratégia não apenas fornece uma resposta simplificada às complexidades da insegurança ontológica, mas também estabelece uma conexão emocional com os eleitores que buscam um lugar de pertencimento e estabilidade. A busca por esse "lugar perdido" na segurança ontológica torna-se, uma peça central nos discursos populistas (Löfflmann, 2022; Hameleers, 2017). Ao prometer restaurar a ordem, esses líderes oferecem uma narrativa que resgata a sensação de continuidade que resiste as mudanças percebidas como disruptivas (Rabêlo, 2024).

De acordo com Kinnvall (2018), líderes populistas conseguem por meio de um discurso emocionado penetrar no imaginário de seus eleitores, ao buscar por símbolos e memórias de uma nação que perdeu seu orgulho, dando um novo significado político de acordo com as atuais necessidades e objetivos políticos: "Nostalgia, nessas descrições, torna-se um meio de orientar ações futuras, ao mesmo tempo, em que constrói uma ilusão de segurança ontológica no presente" (Kinnvall, 2018, p. 3)³. Assim, são em períodos de tensão e ansiedade acentuadas na sociedade que discursos e histórias populistas parecem encontrar eco em uma audiência buscando garantir sua existência cotidiana.

As narrativas sobre segurança estabelecem uma conexão discursiva crucial ao abordar os interesses nacionais, a identificação de ameaças específicas e os potenciais riscos no ambiente internacional (Homolar, 2022). Segundo Homolar (2022), líderes populistas dividem o mundo entre protagonistas (nós) e antagonistas (eles), ao lidar com as narrativas de segurança em que a dicotomia herói-vilão tem um papel central na persuasão, representando a tragédia e o triunfo.

³ Do original: "Nostalgia, in these accounts, becomes a means to guide future action, while constructing an illusion of ontological security in the present" (Kinnvall, 2018, p. 3).

Os discursos carregados de emoção têm uma forte influência na percepção pública, porém, a simplificação excessiva pode marginalizar grupos diversos e complexos, enquanto a identificação de "inimigos" pode resultar em uma polarização política. Homolar (2022, p. 334) desenvolve o argumento que ao estimular um processo cognitivo-emotivo de diferenciação e identificação, “essas narrativas alcançam a separação emocional do antagonista e a conexão com o protagonista, evocando sentimentos coletivos de agressão e empatia”.

Essa criação de características distintas dos lados opostos (herói ou vilão), faz com que as narrativas populistas orientem sobre o que a sociedade deve considerar, ao comunicar um “código cultural” que molda a interpretação das informações contidas na narrativa (Homolar, 2022). Apesar de serem abstrações não tangíveis, as dualidades proeminentes nessas narrativas estão intrinsecamente ligadas as experiências passadas, tanto individuais quanto coletivas e desempenham um papel crucial ao incitar o público à ação ao provocar uma experiência afetiva intensa.

Em vista disso, líderes populistas frequentemente promovem uma visão simplificada do passado, sugerindo um retorno a uma era percebida como mais segura e autêntica. Essa abordagem pode criar uma narrativa que apela à nostalgia por uma identidade cultural supostamente perdida, reforçando a ideia de uma comunidade homogênea e estável (Steele, Homolar, 2019). A construção de uma "identidade idealizada" busca oferecer aos seguidores uma sensação de continuidade, estabilidade e pertencimento. No entanto, essa busca por segurança ontológica no populismo não é apenas uma estratégia política, visto que pode ter implicações éticas e sociais significativas, ao simplificar a complexidade das identidades individuais e coletivas, o populismo pode promover visões exclusivistas e marginalizar aqueles que não se encaixam na narrativa dominante (Rabêlo, 2024).

De acordo com Steele e Homolar (2019), líderes populistas constroem narrativas que destacam ameaças percebidas à identidade do grupo, muitas vezes representadas por "outros" considerados estrangeiros, imigrantes, elites ou qualquer grupo que possa ser designado como uma ameaça à estabilidade percebida: “As histórias de crise que os agentes políticos contam simultaneamente instilam insegurança ontológica no público e transformam essa ansiedade em confiança na agenda política do narrador como a rota

eficaz de volta à normalidade” (Homolar, Scholz, 2019, p. 346)⁴. Porém, esse tipo de narrativa pode apresentar uma compreensão limitada e distorcida da realidade, pois, essa busca ignora a natureza dinâmica das sociedades modernas, onde a diversidade e a mudança são inevitáveis. Além disso, a polarização resultante dessa “identificação de inimigos” pode minar o diálogo construtivo e a cooperação internacional, essenciais para enfrentar os desafios globais.

Ao utilizar a teoria da segurança ontológica para compreender o populismo, é possível identificar como os líderes, principalmente, de uma vertente de Ultradireita, utilizam narrativas de segurança para construir identidades coletivas, manipular emoções e conquistar eleitores, o que revela as complexidades subjacentes na interseção entre política, segurança e opinião pública. A partir dos estudos de Steele e Homolar (2019), é possível concluir que o populismo associado à Direita Radical é baseado na exploração da busca humana por segurança ontológica, apresentando narrativas que oferecem estabilidade e pertencimento, mas ao custo de uma compreensão mais complexa e inclusiva da diversidade humana.

Narrativas e Discursos da Ultradireita na exploração da (in)segurança ontológica

As questões que envolvem as dinâmicas da segurança ontológica e sua vinculação com fenômenos políticos é recorrente na literatura acadêmica há décadas. Adorno *et al.*, (1950) utilizam argumentos psicanalíticos para a compreensão do que conceituam como “personalidades autoritárias” enquanto uma patologia inerente à modernidade, que enxerga o mundo em termos rígidos, de “preto ou branco”. Lipset (1963), por sua vez, enfatizou a vulnerabilidade à intolerância e suscetibilidade aos ideais extremistas perante uma leitura de classes em meio ao fenômeno da industrialização e urbanização, atribuindo uma maior predisposição a compartilhar desses ideais aos grupos de classes econômicas menores, na tese que ficou conhecida como “autoritarismo da classe trabalhadora”. Scheuch e Klingemann (1967) seguem a linha de Lipset (1963) ao atribuir às sociedades industriais liberais as condições fundamentais de potencialização do apoio

⁴ Do original: “*the crisis stories political agents tell simultaneously instil ontological insecurity within the public and transform this anxiety into confidence in the narrator’s policy agenda as the effective route back to normalcy*” (Homolar, Scholz, 2019, p. 346).

à Ultradireita, o que seria, portanto, uma patologia normal desses modelos de organização política, social e econômica.

De acordo com Löffmann (2022) a construção de segurança populista é capaz de remodelar a identidade nacional por meio de apelos emocionais e narrativas que ancoram essa identidade em questões ontológicas, ou seja, fundamentais à natureza da existência e da realidade. Assim, é possível identificar que os movimentos de Ultradireita procuram criar uma ligação emocional e duradoura entre seus seguidores e a narrativa proposta, como evidência, por exemplo, o caso norte-americano.

Com a ascensão de Donald Trump no cenário político dos EUA, em 2016, é possível destacar a evocação por uma nostalgia de um passado idealizado, em que a busca pela retomada da grandeza da nação era evidente. A retórica centrada em *slogans* simples, como "*Make America Great Again*" (MAGA), proporcionou uma narrativa clara que apelava para a base de apoiadores em busca de uma sensação de continuidade em tempos de mudança. Mais que isso, o MAGA ofereceu aos seus simpatizantes a possibilidade de interpretar a qual passado idealizado Donald Trump se referia, seria os EUA vitoriosos da Guerra Fria? A nação que ajudou a vencer a Segunda Guerra Mundial? Ou talvez a nação dominada por Protestantes, Brancos e Anglo-Saxões (WASP) que construíram a "grande nação" americana com seu esforço individual (omitindo – ou não - o pequeno detalhe de utilização de mão-de-obra escravizada nesse processo).

Dentro desta perspectiva, os discursos de Trump durante a campanha provocaram uma sensação de insegurança existencial que evidenciava uma percepção de perda de supostos privilégios econômicos e culturais e exploraram o anseio por pertencimento. Ao adotar uma postura populista de direita radical, Trump construiu uma narrativa na qual se apresentava como o líder forte e capaz de enfrentar e resolver as supostas ameaças à segurança nacional e ao modo de vida americano, muitas vezes destacando questões como imigração, com um enfoque notável na xenofobia e no nativismo (Mudde, Kaltwasser, 2017; Pini, 2021). Trump retratou os estrangeiros como ameaças à segurança e ao emprego dos americanos, construindo um discurso que ressoou com aqueles que se sentiam afetados pelas mudanças econômicas e culturais.

Segundo Soares (2022), a busca pelo processo de securitização de Trump teve como base os discursos referentes à segurança ontológica que tanto ele quanto seus eleitores entendiam como identidade, valores e direitos da sociedade americana. A

narrativa de Trump, embora simplificada, atendia à necessidade de determinados indivíduos por uma compreensão estável de identidade, pertencimento e significado. Ao construir a visão do passado como um período de estabilidade e autenticidade, Trump capitalizou na busca por segurança ontológica de seus apoiadores.

A identificação do “outro” como ameaça é uma característica intrínseca ao Populismo de Direita Radical. Trump focou em questões como imigração, promoveu a polarização entre “nós” e “eles”, exacerbando as divisões sociais ao evocar a ferida de um privilégio perdido, conseguindo personificar uma ameaça (Steele, Homolar, 2019; Pini, 2021). A simplificação de mensagens complexas, a desconfiança em relação às elites estabelecidas e a oposição a narrativas globalistas também foram estratégias utilizadas para consolidar o apoio popular. Dessa forma, ao concorrer uma eleição desencadeada por uma certa insegurança ontológica incutiu no eleitor que havia uma necessidade de escolher um líder forte para proteger a nação. Assim, as declarações de Trump durante a campanha tiveram um peso político e simbólico que apelavam por políticas de exceção que foram de encontro a uma base eleitoral que não se identificavam mais com os políticos mais tradicionais (Rabêlo, 2024).

A construção da identidade própria e do outro torna-se um meio de estabelecer categorias de seres “superiores” e “inferiores”. De acordo com Campbell (1992), a questão da identidade, a articulação do perigo, a especificação da diferença e a configuração do “outro” como inimigo fazem parte da história da construção política dos Estados Unidos. Por exemplo, durante a Guerra Fria, a identidade americana foi fortemente definida em oposição ao “outro” soviético, moldando políticas internas e externas. Conforme explica Homolar (2022), a busca por segurança ontológica de uma pessoa ou grupo, por meio de mitos e traumas nacionalistas e religiosos, tende a diminuir a segurança daqueles que não estão incluídos no discurso.

Esse processo pode ser observado na retórica pós-11 de setembro, em que a construção de uma identidade nacional em torno da luta contra o terrorismo muitas vezes marginalizou comunidades muçulmanas, tanto dentro quanto fora dos Estados Unidos. A criação de narrativas exclusivas pode, assim, levar à exclusão e à vulnerabilidade de grupos que não se encaixam na identidade dominante, gerando um ciclo de insegurança e conflito. Sendo assim as narrativas populistas de crise estão intrinsecamente ligadas à ideia de segurança ontológica, visto que a política do medo racionaliza a ação política

governamental por meio de apelos à segurança, e tais apelos ressoam profundamente em um público já ansioso (Homolar, Scholz, 2019).

O Tradicionalismo e a Ultradireita

A partir da compreensão estabelecida nas seções anteriores de que a Ultradireita fundamenta sua retórica e sua narrativa política na construção de ameaças à segurança ontológica de uma parcela da sociedade, busca-se demonstrar o que se compreende como um dos alicerces fundamentais desse processo: o Tradicionalismo.

O Tradicionalismo é um movimento ideológico pouco estruturado, sem lideranças formais e que comumente é referenciado como “Tradicionalismo Guénoniano” ou “Tradicionalismo Integral”. René Guénon é um dos fundadores de uma das correntes do Tradicionalismo, uma espécie de “esoterismo religioso” conservador, que preza pela manutenção de práticas antigas e “tradicionais” que teriam supostamente sido substituídas ao longo da Modernidade (Sedgwick, 2004).

Teitelbaum (2020) define o Tradicionalismo como uma escola filosófica e espiritual *underground*. Essa corrente se apega a tradições, conhecimentos e práticas passadas de geração em geração desde suas concepções por autoridades divinas, e considera que o Ocidente moderno teria se afastado desse passado e dificultado a transmissão dessas tradições (Sedgwick, 2004). Seu apego religioso se refere a uma suposta religião “Tradicional”, cujos valores e conceitos teriam se perdido, sobrando apenas fragmentos de sua concepção original, considerado um emaranhado de práticas e crenças que variam desde o Hinduísmo ao paganismo Europeu pré-cristão (Teitelbaum, 2020).

O pensamento de Guénon é, de fato, um dos poucos alicerces que sustentam esse conjunto de pensamentos e ideologias heterogêneas, cujas influências prévias advém, por exemplo, de Oswald Spengler e sua obra principal *The Decline of the West*, de 1918 (Sedgwick, 2004). O objetivo fundamental de Guénon seria “reestabelecer no Ocidente uma civilização tradicional” (Green, 2017, p. 6), incorporando supostas verdades espirituais que foram perdidas pelo Ocidente devido ao secularismo inerente à Modernidade. A Modernidade é, de fato, um dos catalisadores do suposto declínio ocidental na visão Tradicionalista, uma vez que teria sido o momento de retrocesso da religião pública em detrimento da razão e do secularismo (Teitelbaum, 2020).

As concepções ideológicas de Guénon, que influenciam o Tradicionalismo como um todo, o levaram a defender uma percepção temporal cíclica, que enxerga eventos como a destruição dos Cavaleiros Templários em 1312 e a Paz de Westfália em 1648 como os marcos do declínio espiritual ocidental, em uma trajetória apocalíptica que interpreta que o Ocidente estaria se aproximando de uma era final, na qual as tradições ancestrais seriam totalmente esquecidas e a sociedade estaria totalmente afastada de seus laços sagrados (Green, 2017). Essa exploração de um elemento apocalíptico é um dos fatores-chave que permitem a associação do Tradicionalismo com a teoria da segurança ontológica.

Os ciclos temporais do Tradicionalismo seriam marcados por períodos de colapso, seguidos de regeneração, sendo a Modernidade inserida num ciclo de degeneração responsável pelo enfraquecimento do “simbólico” em detrimento do “literal”, e um declínio contínuo no interesse pela espiritualidade a partir de uma lógica materialista, do consumo em massa, da produção industrial, da padronização da sociedade e do progresso (Teitelbaum, 2020).

Se, para o Tradicionalismo, a contemporaneidade é marcada por uma “Era das Trevas”, qualquer avanço vinculado à modernidade na realidade é um retrocesso. Aqui reside o fator que conecta o Tradicionalismo à Ultradireita. Para o Tradicionalismo, quaisquer ideias vinculadas a ideais Modernos, como o Iluminismo, por exemplo, ou a movimentos emancipatórios, como a luta por direitos civis e o feminismo, seriam, na realidade, grandes retrocessos para o Ocidente (Teitelbaum, 2020). Essa é a base da chamada “teoria da inversão”, desenvolvida por Guénon, que considera que qualquer componente da Modernidade considerado bom, na realidade é ruim, qualquer mudança considerada como progresso, na realidade é um regresso, qualquer ato de justiça, na verdade, é opressão (Teitelbaum, 2020). Essas ideias reverberaram de maneira bastante impactante na Ultradireita global principalmente ao longo do final do século XX, mas, principalmente, no século XXI, ajudando a consolidar sua dimensão reacionária.

Sedgwick (2004) aponta que a obra de Guénon repercutiu ao longo da década de 1930, influenciando o fascismo na Europa, e se consolidando, assim, como uma das bases filosóficas da Ultradireita (Sedgwick, 2004). Uma das principais influências de Guénon se deu nas obras do italiano Julius Evola, que se consolidou como seu sucessor, embora sua

versão do Tradicionalismo apresente diferenças com relação ao de Guénon (Teitelbaum, 2020).

O Tradicionalismo, na concepção de Evola, seria universal e perene, tendo natureza transcendente, e, sendo assim, todas as visões de mundo metafísicas e as religiões seriam derivadas dessa origem divina (Hakl, 2019). Se o Tradicionalismo advém do sagrado, seria a autoridade final, não podendo ser questionado ou alterado, sendo assim, todos os aspectos da vida social devem estar subjugados a ele (Hakl, 2019).

O mundo Moderno, na forma da civilização Ocidental, representaria a total oposição a essa Tradição integral de Evola, tendo em vista a materialidade de seus princípios e de sua tecnologia (Hakl, 2019). Para Evola, o Catolicismo Medieval seria o último suspiro da Tradição, sendo a Renascença e a Revolução Francesa os marcos da nova Era das Trevas de declínio (Hakl, 2019). O fator reacionário das ideias de Evola ficam explícitos, portanto, o que é corroborado pela concepção de que “uma verdadeira restauração da tradição só seria possível após o colapso total do mundo moderno” (Hakl, 2019, p. 61).

Evola segue o ideal geral do Tradicionalismo de Guénon, como a busca pela transcendência espiritual e a crença nos ciclos temporais da Era de Ouro à Era das Trevas. No entanto, estabelece, em sua versão do Tradicionalismo, que os princípios hierárquicos das sociedades estariam voltados às identidades raciais, como a cor da pele, o que reverberaria, conseqüentemente, em ideias nativistas, antissemitas e misóginas, privilegiando a raça ariana masculina como superior (Teitelbaum, 2020). Não à toa o Tradicionalismo de Evola interessou a Mussolini, que se interessou pela noção de um “racismo espiritual” como contrapeso ao racismo científico proposto pelos Nazistas alemães (Hakl, 2019). Percebe-se, portanto, a conexão estabelecida por Evola com ideologias de Ultradireita, a partir da identificação de que “castas superiores” deveriam, de fato, serem dominantes.

Compreende-se que o Tradicionalismo é uma das correntes ideológicas fundacionais da Ultradireita historicamente. Suas ideias influenciaram autores vinculados à Ultradireita tanto nos EUA quanto na Europa. Alain de Benoist, Alexander Dugin, Dominique Venner e Jonathan Bowden são representativos da chamada Nova Direita Europeia (NDE) cuja influência do Tradicionalismo é flagrante (Bar-On, 2019). As influências advindas dos EUA são vinculadas ao “realismo racial” de autores do

nacionalismo-branco, como Samuel Francis, Kevin MacDonald, Jared Taylor, Wilmot Robertson, Paul Gottfried e Richard Lynn, além do fascismo de Francis Parker Yockey (Heikkila, 2017; Bar-On, 2019). Com efeito, extremamente representativos da influência do Tradicionalismo na ideologia da Ultradireita são os casos de atores relevantes na consolidação contemporânea de plataformas políticas de Ultradireita nos EUA e no Brasil: Steve Bannon e Olavo de Carvalho, respectivamente (Pini, 2021).

O Tradicionalismo, portanto, oferece um alicerce ideológico reacionário e apocalíptico que permite à Ultradireita desenvolver sua visão de mundo hierarquizada e racista a partir da exploração de uma percepção de ameaça à segurança ontológica de parcelas da sociedade. Ao defender que o Ocidente vivencia um declínio moral e um afastamento de valores espirituais, o Tradicionalismo oferece um suporte filosófico fundamental à construção de plataformas reacionárias típicas da Ultradireita que almejam resgatar um passado idealizado por meio do enfrentamento a políticas seculares oriundas da Modernidade, como o cosmopolitismo, as pautas feministas, os direitos LGBTQIA+ e etc.

O Tradicionalismo e a Segurança Ontológica

A partir da compreensão de que a segurança ontológica é a sensação de segurança sobre a ordem e a previsibilidade do mundo ao nosso redor, ligada não somente à segurança física, mas também à segurança existencial e à compreensão do significado da própria identidade, percebemos a maneira pela qual o Tradicionalismo oferece um alicerce ideológica fundamental para a Ultradireita. Ao compreender que as ameaças à segurança ontológica, muitas vezes, são construídas socialmente, sendo, portanto, fruto de percepções particulares, identificamos que existem grupos específicos da sociedade vulneráveis a discursos que exploram mudanças políticas e sociais, crises econômicas, e outros temas que ameaçam a “estabilidade” da sociedade a partir de retóricas nacionalistas, racistas, xenofóbicas e autoritárias.

Para a construção da segurança ontológica de um ator como o Estado, pode-se explorar a necessidade de estabelecimento de uma identidade estável e uma sensação de “normalidade” e “rotina saudável” dos indivíduos que compõem uma sociedade. Esses processos podem ser construídos - e desconstruídos - por discursos que explorem inclusão e exclusão de determinados atores que ameaçam a identidade desse processo

considerado “normal” e “estável” (Rossdale, 2015; Mitzen, 2006). O Tradicionalismo permite que a Ultradireita explore essas questões por meio do questionamento de princípios inerentes à modernidade, como a igualdade, e explore hierarquias sociais, raciais, identitárias e religiosas, sobretudo mediante o populismo de direita radical e suas concepções nativistas.

O termo “insegurança ontológica” refere-se a um estado de desordem no qual indivíduos ou grupos de pessoas perderam sua âncora estabilizadora, ou seja, seu sentimento de segurança, bem como a capacidade de manter uma narrativa coerente e responder a questões sobre ações e existência (Kinnvall, Mitzen, 2020; Brown, 2018). A partir disso, a segurança ontológica fornece uma alternativa às explicações subjacentes aos dilemas de segurança e conflitos tradicionais na política mundial (Browning, Joenniemi, 2016; Mitzen, 2006; Rossdale, 2015), pois os indivíduos também têm um papel dentro dos Estados, precisando construir um sentimento de segurança em relação a quem são e à sua identidade. O “eu” do Estado é formado e preservado por meio de uma narrativa que dá vida a ações previsíveis nas suas ações políticas. Essas narrativas podem ser perturbadas quando um Estado percebe que suas ações narrativas não refletem mais, ou não são mais refletidas pela sua autopercepção (Rabêlo, 2024).

Steele e Homolar (2019) argumentam que narrativas coerentes fornecem uma sensação de segurança, enquanto aquelas que desafiam a ordem estabelecida podem desencadear inseguranças. Kinnvall e Mitzen (2020) destacam a ênfase em narrativas que exploram dimensões religiosas e nacionalistas para criar uma crença em identidades seguras. A Ultradireita, ao explorar a narrativa apocalíptica do Tradicionalismo, coloca em xeque a segurança ontológica desses atores por meio de discursos que promovem o medo e a ansiedade, tornando-os vulneráveis a agendas políticas que resgatem esse sentimento de estabilidade e pertencimento a uma comunidade – supostamente – homogênea e coesa.

Kinnvall e Mitzen (2020) argumentam que a exploração do medo, que é composto por um objeto específico que gera uma percepção de insegurança, o torna politicamente atraente, uma vez que para lidar com esse sentimento pode-se recorrer a uma ação urgente para responder àquela ameaça: “A partir daqui os líderes têm uma resposta: podem prometer uma cura total erradicando o perigo conhecido”. (Kinnvall, Mitzen, 2020, p. 244). Assim, quando indivíduos buscam escapar de um estado de insegurança ontológica, eles podem acabar por tentar securitizar a subjetividade. Esse ponto é

explorado pela Ultradireita de maneira flagrante, utilizando o Tradicionalismo como alicerce para construção dessa narrativa. O medo é gerado pela percepção de um declínio que supera a dimensão individual: É um declínio coletivo, do Ocidente. Para além disso, é um declínio que transcende a esfera moral e ética, atingindo o plano metafísico e – supostamente – desconectando a sociedade ocidental de uma Tradição divina e espiritual. Essa narrativa corrompe fundamentos importantes da segurança ontológica Ocidental, e a ação urgente para se retomar os princípios de estabilidade são vinculados ao apoio à cartilha reacionária da Ultradireita: Combate aos valores progressistas, reestabelecimento de hierarquias sociais etc.

Retomamos o argumento de Miskimmon, O’Loughlin e Roselle (2014), que argumentam que para se pensar em como o discurso tem lugar dentro da segurança ontológica deve-se identificar na narrativa: 1. uma situação inicial ou uma ordem estabelecida, 2. um problema que perturba essa ordem; 3. A resolução subsequente que visa restabelecer a ordem. Assim, a ordem estabelecida – fonte de segurança ontológica – é a sociedade Ocidental “Tradicional”, construída no discurso populista da direita radical sob alicerces fantasiosos e em referência a um passado idealizado. O obstáculo-problema que perturba a ordem – e é, portanto, a fonte de insegurança ontológica – é o mundo Moderno, o cosmopolitismo, o multiculturalismo, as pautas progressistas, a ciência, as imigrações, ou seja, tudo aquilo que se afasta da “Tradição”. E, por fim, para se alcançar a integridade e se restabelecer a ordem deve-se recorrer às pautas, ideias, agendas, políticas e partidos que englobam a Ultradireita.

Pode-se argumentar, a partir das reflexões de Rosdalle (2015), que essa dinâmica revela não apenas os esforços para encontrar estabilidade subjetiva, mas também como tais esforços são moldados por contextos mais amplos de poder e influência. O resultado desse processo é que a conquista da segurança ontológica de um grupo social ocorre às custas do estabelecimento de uma relação de alteridade conflituosa com os “outros”: “A construção de um “outro” abjeto torna-se um meio de securitizar a subjetividade, pois, reduz a ansiedade (e o medo) e aumenta a segurança ontológica” (Kinnvall, 2004, p. 753). O abjeto torna-se, assim, um fator importante na formação da identidade coletiva da Ultradireita quando o “estranho” é repentinamente reconhecido como uma ameaça potencial à segurança ontológica de um grupo “nativo”.

Kinnvall (2004), destaca como a construção e reconstrução de símbolos históricos, mitos e traumas escolhidos oferecem crenças alternativas para lidar com a insegurança diária, porém, observa também que quanto mais inclusivas essas crenças são, mais tendem a excluir indivíduos ou grupos não abrangidos por sua definição. Não à toa, a Ultradireita recorre a um passado imaginário e glorioso para fundamentar sua construção de Nação. A América que precisa ser grande novamente. O Ocidente que se afastou da “Tradição” e agora caminha em direção ao apocalipse.

Conclusão

A partir da pergunta de pesquisa “Como o Tradicionalismo sustenta a construção pela Ultradireita de uma percepção de ameaça à segurança ontológica dos valores ocidentais?”, utilizou-se a metodologia histórica comparada para identificar as influências comuns que o Tradicionalismo oferece à Ultradireita ocidental a partir do conceito teórico de “segurança ontológica”. Demonstrou-se, ao longo do artigo, que, por meio da identificação de narrativas e discursos comuns, o Tradicionalismo oferece o alicerce retórico que sustenta as bases ideológicas reacionárias da Ultradireita ocidental a partir da construção de narrativas de (in)segurança ontológica.

Demonstrou-se que o marco teórico da segurança ontológica permite a avaliação da percepção do sentimento de segurança de distintos atores – desde indivíduos até o Estado – como uma variável que vai além da dimensão física, englobando o sentimento de pertencimento a uma sociedade ou a uma comunidade que ofereça um esteio social para a manutenção de um sentido de perenidade e estabilidade. Esse processo é uma construção social que depende de narrativas e percepções particulares acerca de como os indivíduos se inserem em determinados grupos. Essa questão é fundamental para se compreender que a segurança ontológica é um fator comumente colocado em xeque por narrativas que exploram emoções negativas, como o medo e a ansiedade.

A literatura utilizada no artigo trabalha com a ideia de que o sentimento de insegurança ontológica vem sendo recorrente em meio às vicissitudes da sociedade contemporânea globalizada. A partir dessa percepção, exploramos a maneira pela qual o processo de reemergência da Ultradireita na política ocidental contribui com a construção narrativa de ameaça à segurança ontológica de parcelas representativas da população ocidental, culminando no sucesso recente – do ponto de vista social e até mesmo eleitoral

– da Ultradireita desde a segunda metade da década de 2010, como demonstraram, por exemplo, Donald Trump, nos EUA, e Jair Bolsonaro, no Brasil.

A partir da compreensão de que a Ultradireita do Ocidente vislumbra uma sociedade pautada por dinâmicas hierárquicas – em particular, associadas à raça, religião e nacionalidade – e elementos como racismo e xenofobia, vislumbrou-se a evidente conexão desse movimento radical com narrativas que exploram o sentimento de insegurança ontológica de parcelas da sociedade ocidental. Demonstrou-se, em especial, como os elementos populistas da Ultradireita se utilizam de narrativas nativistas para segmentar a população em membros legítimos e ilegítimos, tornando esses *outsiders* – sejam eles vinculados à uma suposta elite corrupta do grupo nativo ou mesmo a imigrantes, minorias étnicas, raciais ou religiosas, comunidade LGBTQUIA+, dentre outros – uma flagrante ameaça à segurança ontológica dos *insiders*.

O elemento original do presente artigo reside na compreensão do Tradicionalismo como o alicerce principal que permite à Ultradireita explorar narrativas de insegurança ontológica. Demonstrou-se que, o Tradicionalismo, a partir de uma construção narrativa apocalíptica que remete ao declínio ocidental, representa uma herança intelectual que ajuda a Ultradireita contemporânea a despertar sentimentos – como o medo e a ansiedade – e ressentimentos associados aos processos de consolidação – e ameaça – da segurança ontológica ocidental. A partir da compreensão da Modernidade como fator-chave para o suposto declínio espiritual do Ocidente, o Tradicionalismo constrói uma narrativa negativa acerca dos principais fundamentos da Era Moderna: as ideias de igualdade, cosmopolitismo, multiculturalismo e progressismo de modo geral, oferecendo à Ultradireita um alicerce reacionário fundamental: A necessidade de retomada de uma suposta “Tradição” vinculada a um passado glorioso do Ocidente, que está em xeque devido às forças do progresso.

O Tradicionalismo, portanto, atua diretamente no enfraquecimento da percepção de segurança ontológica de diversos atores – do indivíduo ao Estado – ao propor um declínio do Ocidente como um todo, oferecendo um conjunto de princípios metafísicos como catalisadores de estabilidade que batem de frente com a construção racional da Modernidade. Ao se afastar da “Tradição”, o Ocidente fica exposto e vulnerável a atores *outsiders* dispostos a enfraquecer a – suposta – coesão e homogeneidade do Ocidente em termos raciais, nacionais e religiosos. A Ultradireita, portanto, surge como a solução

necessária para resgatar a segurança ontológica sob ameaça, propondo ideias, ações e políticas destinadas a confrontar todos os atores que colocam em xeque os valores ocidentais “Tradicionais” e, assim, resgatar a segurança ontológica ocidental.

A presente pesquisa busca oferecer um suporte comparativo entre o fenômeno de re-ascensão da Ultradireita no século XXI com o marco teórico da segurança ontológica a partir de uma base histórica vinculada ao Tradicionalismo. Permite-se, assim, o desenvolvimento futuro de agendas de pesquisa que busquem analisar de maneira mais profunda a construção narrativa de processos de insegurança ontológica em casos específicos, a partir do argumento explorado no presente artigo que o Tradicionalismo oferece o alicerce retórico que sustenta as bases ideológicas da Ultradireita ocidental a partir da construção de narrativas de (in)segurança ontológica.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T; FRENKEL-BRUNSWIK, W.; LEVINSON, E.; SANFORD, D. **The authoritarian personality**. Nova Iorque: Harper and Row, 1950.

ARFI, Badredine. Security qua existential surviving (while becoming otherwise) through performative leaps of faith. **International Theory**, v. 12, n. 2, p. 291-305, 2020. DOI:10.1017/S1752971920000123.

ASLANIDIS, Paris. Is Populism an Ideology? A Refutation and a New Perspective. **Political Studies**, Nº64, Vol. 1, 2015. Disponível em [<https://doi.org/10.1111/1467-9248.12224>]. Acesso em 14/10/2024.

BAR-ON, Tamir. Richard B. Spencer and the Alt Right. In SEDGWICK, Mark (ed.) **Key Thinkers of the Radical Right: behind the new threat to liberal democracy**. Londres: Oxford University Press, 2019.

BERENSKOETTER, Felix. Parameters of a national biography. **European journal of international relations**, v. 20, n. 1, p. 262-288, 2014. DOI <https://doi.org/10.1177/1354066112445290>.

BONIKOWSKI, Bart. GIDRON, Noam. The Populist Style in American Politics: Presidential Campaign Discourse, 1952–1996. **Social Forces**, Vol. 94, Nº 4, 2016. Disponível em [<https://doi.org/10.1093/sf/sov120>]. Acesso em 15/11/2023.

BROWN, Wendy. **In the Ruins of Neoliberalism: The Rise of Antidemocratic Politics in the West**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2018.

BROWNING, Christopher s; JOENNIEMI, Pertti. Ontological security, self-articulation and the securitization of identity. **Cooperation And Conflict**, [S.L.], v. 52, n. 1, p. 31-47, 11 jul. 2016. SAGE Publications. DOI <http://dx.doi.org/10.1177/0010836716653161>.

CAMPBELL, David. **Writing security**: United States foreign policy and the politics of identity. University of Minnesota Press, 1992.

CANOVAN, Margaret. Trust the People! Populism and the Two Faces of Democracy. **Political Studies**, Vol. 2, Nº 16, 1999. Disponível em [<https://doi.org/10.1111/1467-9248.00184>]. Acesso em 14/10/2024.

CROFT, Stuart. **Securitizing Islam**: identity and the search for security. Cambridge University Press, 2012.

GIDDENS, Anthony. **Modernity and Self Identity**: self and society in the late modern age. Cambridge, England: Polity Press, 1991.

GREEN, Joshua. **Devil's Bargain**: Steve Bannon, Donald Trump, and the Nationalist Uprising. Londres: Penguin Books, 2017.

GREVEN, Thomas. The rise of right-wing populism in Europe and the United States. A comparative perspective. **Perspective Friedrich Ebert Stiftung**, 2016. Disponível em [https://www.fesdc.org/fileadmin/user_upload/publications/RightwingPopulism.pdf]. Acesso em 08/11/2023.

HAKL, Thomas H. Julius Evola and Tradition. In SEDGWICK, Mark (ed.) **Key Thinkers of the Radical Right**: behind the new threat to liberal democracy. Londres: Oxford University Press, 2019.

HAMELEERS, Michael. The populism of online communities: Constructing the boundary between “blameless” people and “culpable” others. **Communication Culture & Critique**, v. 12, n. 1, p. 147-165, 2017. DOI <https://doi.org/10.17645/pag.v8i1.2478> .

HEIKKILÄ, Niko. Online Antagonism of the Alt-Right in the 2016 Election. **European journal of American studies**, vol. 12, n. 2, 2017. Disponível em [<http://journals.openedition.org/ejas/12140>]. Acesso em 29/01/2024.

HØNNELAND, Geir. **Borderland Russians: Identity, narrative and international relations**. Springer, 2010.

HOMOLAR, Alexandra; SCHOLZ, Ronny. The power of Trump-speak: populist crisis narratives and ontological security. **Cambridge Review Of International Affairs**, [S.L.], v. 32, n. 3, p. 344-364, 20 mar. 2019. Informa UK Limited. DOI <http://dx.doi.org/10.1080/09557571.2019.1575796>.

HOMOLAR, Alexandra. A call to arms: Hero-villain narratives in US security discourse. **Security dialogue**, v. 53, n. 4, p. 324-341, 2022.

JÜPSKAS, Anders Ravik; LEIDIG, Eviane. **Knowing what's (far) right**: a compendium. Oslo: Center for Research on Extremism, 2020.

KAPLAN, Thomas J. The narrative structure of policy analysis. **Journal of Policy Analysis and Management**, v. 5, n. 4, p. 761-778, 1986. DOI <https://doi.org/10.1002/pam.4050050406>.

KINNVALL, Catarina. Globalization and Religious Nationalism: Self, Identity, and the Search for Ontological Security. **Political Psychology**, [S.l.], v. 25, n. 5, p. 741-767, 3 set. 2004. DOI <https://doi.org/10.1111/j.1467-9221.2004.00396.x>.

KINNVALL, Catarina. Ontological insecurities and postcolonial imaginaries: The emotional appeal of populism. **Humanity & Society**, v. 42, n. 4, p. 523-543, 2018. DOI <https://doi.org/10.1177/0160597618802646>.

KINNVALL, Catarina; MITZEN, Jennifer. Anxiety, fear, and ontological security in world politics: thinking with and beyond Giddens. **International theory**, v. 12, n. 2, p. 240-256, 2020. DOI:10.1017/S175297192000010X.

KOSCHUT, Simon; HALL, Todd H.; WOLF, Reinhard; SOLOMON, Ty; HUTCHISON, Emma; BLEIKER, Roland. Discourse and Emotions in International Relations. **International Studies Review**, [S.L.], v. 19, n. 3, p. 481-508, 1 set. 2017. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/isr/vix033>. Disponível em: <https://academic.oup.com/isr/articleabstract/19/3/481/4049174?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 10 nov. 2023.

LAINING, R. D. **The Divided Self**: an existential study in sanity and madness. London: Pelican, 1960.

LIPSET, Seymour M. **Political man**. Nova Iorque: Mercury Books, 1963.

LÖFFLMANN, Georg. 'Enemies of the people': Donald Trump and the security imaginary of America First. **The British Journal of Politics and International Relations**, v. 24, n. 3, p. 543-560, 2022. DOI <https://doi.org/10.1177/13691481211048499>.

MCBETH, Mark K. SHANAHAN, Elizabeth A.; ARNELL, Ruth J.; HATHAWAY, Paul L. The intersection of narrative policy analysis and policy change theory. **Policy Studies Journal**, v. 35, n. 1, p. 87-108, 2007. DOI <https://doi.org/10.1111/j.1541-0072.2007.00208.x>.

MILLER, Hugh T. Policy narratives: the perlocutionary agents of political discourse. **Critical policy studies**, v. 14, n. 4, p. 488-501, 2020. DOI <https://doi.org/10.1080/19460171.2020.1816483>.

MINKENBERG, Michael. The renewal of the radical right: between modernity and antimodernity. **Government and Opposition**, v. 32 n. 2, p. 170-198, 2000.

MISKIMMON, Alister; O'LOUGHLIN, Ben; ROSELLE, Laura. **Strategic narratives: communication power and the new world order**. Routledge, 2014.

MITZEN, Jennifer. Ontological security in world politics: State identity and the security dilemma. **European journal of international relations**, v. 12, n. 3, p. 341-370, 2006. DOI <https://doi.org/10.1177/1354066106067346>.

MITZEN, Jennifer; LARSON, Kyle. Ontological security and foreign policy. **Oxford research encyclopedia of politics**, 2017. DOI <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190228637.013.458>

MUDDE, Cas. **The Ideology of the Extreme Right**. Manchester: Manchester University Press, 2000.

MUDDE, Cas. The Populist Zeitgeist. **Government and Opposition**, vol. 39, n. 4, 2004. DOI <https://doi.org/10.1111/j.1477-7053.2004.00135.x>

MUDDE, Cas. The Trump phenomenon and the European populist radical right. **Washington Post**, v. 26, 2015.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. **Populism: a very short introduction**. Oxford University Press, 2017.

MUDDE, Cas (ed.). **The Populist Radical Right: a reader**. London: Routledge, 2017, p. 859.

MUDDE, Cas. **The far right in America**. Routledge, 2018.

MUDDE, Cas. **La ultraderecha hoy**. Barcelona: Paidós, 2021.

PINI, André Mendes. **Desinformação e Populismo de Radical de Direita: o caso da eleição de Donald Trump em 2016**. 2021. 302 f. **Tese (Doutorado)** - Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/43448/1/2021_Andr%C3%A9MendesPini.pdf. Acesso em: 5 jun 2024.

RABÊLO, Rebeca Souza. **O Populismo de Trump: a utilização do twitter para a construção de uma plataforma política de direita radical (2015- 2016)**. 2024. 91 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Departamento de Relações Internacionais, Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2024.

ROSSDALE, Chris. Enclosing Critique: the limits of ontological security. **International Political Sociology**, [S.L.], v. 9, n. 4, p. 369-386, 20 nov. 2015. Oxford University Press (OUP). DOI <http://dx.doi.org/10.1111/ips.12103>.

SCHEUCH, E. K; KLINGEMANN, H. D. Theorie des Rechtsradikalismus in westlichen Industriegesellschaften. **Hamburger Jahrbuch für Wirtschafts- und Gesellschaftspolitik**, v. 12, p. 11-29, 1967.

SEDGWICK, Mark. **Against the Modern World**: traditionalism and the secret intellectual history of the twentieth century. Londres: Oxford University Press, 2004.

SOLOMON, Ty. **The politics of subjectivity in American foreign policy discourses**. University of Michigan Press, 2015.

SOLOMON, Ty. 'I wasn't angry, because I couldn't believe it was happening': affect and discourse in responses to 9/11. **Review Of International Studies**, [S.L.], v. 38, n. 4, p. 907-928, 1 set. 2011. Cambridge University Press (CUP). DOI <http://dx.doi.org/10.1017/s0260210511000519>.

STANLEY, Liam; JACKSON, Richard. Introduction: Everyday narratives in world politics. **Politics**, v. 36, n. 3, p. 223-235, 2016. DOI <https://doi.org/10.1177/026339571665342>. STEELE, Brent J. **Ontological security in international relations**: Self-identity and the IR state. Routledge, 2008.

STEELE, Brent J.; HOMOLAR, Alexandra. Ontological insecurities and the politics of contemporary populism. **Cambridge Review Of International Affairs**, [S.L.], v. 32, n. 3, p. 214-221, 9 abr. 2019. Informa UK Limited. DOI <http://dx.doi.org/10.1080/09557571.2019.1596612>.

SOARES, Bruna B. "America First": pensando enquadramentos discursivos da segurança ontológica na era Trump. **Nupri Working Paper**, São Paulo, p. 1-12, 16 jul. 2022. Disponível em: <https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/81843>. Acesso em: 30 set. 2023.

SOARES, Bruna Bandeira. **Build the wall!**: policymaking through affect in the trump era. 2024. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Relações internacionais – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=659. Acesso em: 10 jun. 2024.

TEITELBAUM, Benjamin R. **War for Eternity**: Inside Bannon's Far-Right Circle of Global Power Brokers. Nova Iorque: Dey Street Books, 2020.

VERGARA, Camila. Populism as plebeian politics: Inequality, domination, and popular empowerment. **Journal of Political Philosophy**, v. 28, n. 2, p. 222-246, 2019. DOI <https://doi.org/10.1111/jopp.12203>.

WIDMAIER, Wesley. **Presidential Rhetoric from Wilson to Obama**: constructing crises, fast and slow. Routledge, 2014.

WOJCZEWSKI, Thorsten. 'Enemies of the People': Populism and the Politics of (In) security. **European Journal of International Security**, v. 5, n. 1, p. 5-24, 2020. DOI <https://doi.org/10.1017/eis.2019.23>

ZEHFUSS, Maja. **Constructivism in international relations: the politics of reality**. Cambridge University Press, 2002.

Recebido: 31/10/2024

Aprovado: 22/10/2025